O CENTENÁRIO DO DR. ALERANO DE BARROS

Luiz Barros

"Os homens passam, a humanidade conserva-se na imortalidade das gerações".

É com esta frase incisiva e profunda que o emérito pensador Padre Leonel Franca inicia o seu notável estudo intitulado "O Divórcio".

Hoje, que, infelizmente, estamos vivendo uma época, brutalmente materialista, em que só se fala em sexo e violência, é deveras confortador se preconizar o culto da família e evocarmos, com saudade, os entes queridos que a morte já arrebatou.

É certo que não podemos viver o passado. Mas, também não se torna possível termos a estulta pretensão de supor que a vida só começa com a geração presente. Que tudo o que o passado tem de bom ou de mau devemos desprezar e esquecer, olvidando lições e pessoas, bem como alimentarmos a estólida presunção de desprezar a transmissão de cultura e experiência sem a qual não poderá existir progresso de espécie alguma.

Por isso foi que me senti animado a esboçar, em traços gerais, a personalidade do meu pai, Dr. Joaquim Alerano Bandeira de Barros, que, vindo de Recife para o Ceará, em 1905, aqui viveu 50 anos. Exerceu a magistratura durante 33 anos, 7 meses e 20 dias.

Origem e carreira — Dr. Alerano de Barros nasceu em Recife a 21 de maio de 1882, sendo filho legítimo do Dr. Joa-

quim Cavalcante Leal de Barros e de D. Domitila Teles Bandeira de Melo.

Bacharelou-se pela Faculdade de Direito de Recife a 17 de dezembro de 1904. Veio ser magistrado no Ceará, chegando a Fortaleza a 21 de maio de 1905. Foi nomeado Juiz Municipal de Assaré, por ato de 18 de maio de 1905 do então Presidente Comendador Antônio Pinto Nogueira Acioli.

Exerce referido cargo de 5 de junho a 2 de setembro de 1905 (2 meses e 28 dias).

A 18 de agosto de 1905 foi designado para igual cargo em Iguatu. Designado Juiz de Direito dessa cidade em 17 de agosto de 1909, entrou em exercício a 02 de outubro de 1909.

A 2 de março de 1915 requereu permuta com o Dr. Oscar Bandeira de Lima Coutinho, Juiz de Direito de Viçosa do Ceará, deixando o exercício da comarca de Iguatu em 13 de março de 1915. Foi Juiz em Iguatu de 4 de setembro de 1905 a 13 de março de 1915, num total de 9 anos, 6 meses e 18 dias.

Assume o Juizado em Viçosa a 11 de maio de 1915, ali permanecendo até 17 de junho de 1931, num total de 16 anos, 1 mês e 8 dias.

Após a revolução de 3 de outubro de 1930 foi removido para Maranguape. Saiu de Viçosa em 17 de junho de 1931, recebendo, então, grande manifestação popular. Toma posse como Juiz de Direito de Maranguape a 26 de junho daquele ano. Exerceu aludido cargo até 3 de abril de 1939, dia em que se aposentou, tendo servido em Maranguape 7 anos, 9 meses e 8 dias.

Prestou serviços à magistratura do Ceará num período global de 33 anos, 7 meses e 20 dias.

Família — Casou-se em Iguatu a 24 de novembro de 1907 com D. Maria da Glória Teixeira de Alcântara, havendo desse consórcio 3 filhos: General Murilo Teixeira Barros, nascido em Iguatu em 1909 e falecido em Ponta Grossa, Paraná, a 1.º de outubro de 1965; Danilo Teixeira Barros, nascido em Maranguape em 1915 e falecido no Rio de Janeiro em 1979.

Sou o seu único filho sobrevivente.

As reminiscências de meu pai, um subsídio valioso para a História do Ceará. Não é fora de propósito assinalar que, em 1905, a Faculdade de Direito do Ceará, fundada em 1903, ainda não tinha podido formar bacharéis. Daí resultou que o governo importasse formados em Recife para compor a magistratura. Foi assim que vieram para o nosso Estado os Drs. Olívio Câmara, Cláudio Ildeburque Carneiro Leal, Eusébio de Sousa, meu tio Dr. Apolônio de Barros, meu pai e tantos outros.

O Dr. Alerano de Barros escreveu reminiscências sob o título "Recordando o Passado", onde há observações de grande valor sobre a vida social, política e econômica do Ceará, no princípio deste século e que merecem uma referência toda especial.

O desemprego — enfoque de um drama sempre atual — A situação do homem formado e desempregado, que ainda hoje tem viva atualidade, época em que é avultado o número de diplomados em todas as carreiras, em desproporção com as condições do nosso escasso mercado de trabalho, foi resumido por meu pai, em 1905, nos seguintes termos: "Eu estava desempregado. Meu avô foi quem contribuiu para meus estudos e para minha formatura, e meu pai para a de meu irmão Apotônio. Agora os dois nada mais podiam fazer. Meu avô aos 75 anos de idade, abatido e com poucos recursos, dele eu nada mais podia exigir. Meu pai que formara Apolônio, ficou ainda com 13 filhos para criar, educar e formar. Um verdadeiro trabalho de Hércules. Reconhecendo isto, Apolônio embarcou logo em janeiro para o Ceará indo exercer o cargo de Juiz Municipal. E eu? o que iria fazer?".

"Um homem sem dinheiro numa cidade grande é uma coisa horrível, mas quando esse homem é um bacharel, um doutor, a coisa ainda é pior: um doutor não pode vender fazendas num balcão... não pode ser cobrador de um banco, não pode varrer um escritório, nem arrumar a prateleira de uma casa comercial".

Estas ponderáveis razões fizeram com que meu pai viesse para o Ceará.

O drama pungente que mortificava os bacharéis formados no início deste século, hoje, ainda é pior, evidentemente. A brutal concorrência, o número exagerado de diplomados de toda a espécie, as dificuldades de vida e colocação, vêm tornar a luta cada vez mais áspera e crua, como todos podem reconhecer e comprovar.

O desembarque em Fortaleza em 1905 — É pitoresca a cena que meu pai descreve de um desembarque em Fortaleza em 1905, nos seguintes termos: "No escaler vi-me no meio de um mar terrível, ondas que sacudiam o barco, os marinheiros berravam, para qualquer lado que eu olhasse via apenas ondas monstruosas, orladas de espuma. Já não sabia onde estava, quando me vi empurrado, sacudido, um alentado negro segurou-me nos braços como se eu fosse uma criança e entrou na água comigo; o mar rugia, os marinheiros vociferavam, uma onda nos envolveu, a água chegava até à altura dos meus joelhos. Afinal fui posto na praia (Praia Formosa) em terreno enxuto. Mas em que estado eu me achava, minha calça cinzenta molhada até a altura dos joelhos, a roupa toda amarrotada e salpicada, a gravata posta para um lado, as botinas ensopadas e cheias de água salgada".

"Foi assim que desembarquei, em Fortaleza, naquela fresca manhã do dia 21 de maio de 1905, dia do meu 23.º aniversário".

Corroborando tudo que o Dr. Alerano de Barros assinalou, 23 anos depois, Humberto de Campos, a 6 de outubro de 1928, anotava no seu livro "Fragmentos de Um Diário", págs. 89: "Desço, entretanto, em Fortaleza. Desembarque tormentoso. Quem desembarca em Fortaleza deve receber atestado de que pode trabalhar em circo".

Primeiros contatos no Ceará — Ao chegar em Fortaleza, o Dr. Alerano de Barros travou relações com os Drs. Soriano

de Albuquerque, Antônio Augusto Vasconcelos (pai do Desembargador Abner de Vasconcelos), Fiusa de Pontes. No dia seguinte foi falar com o Presidente Comendador Acioli, que o tinha nomeado Juiz Municipal de Assaré e deixou a seguinte impressão: "Na grande sala do Palácio encontrei sentado numa secretaria um velho de rosto alvo e corado, barba em forma de cavaignaque muito comprida e branca, fronte espaçosa e calva, notei que me observa, cuidadosamente. Estava ali o Dr. Antônio Pinto Nogueira Acioli, presidente, chefe político, tão falado e tão criticado pela oposição".

Casual descoberta de um verdadeiro segredo de Estado: uma conspiração no alto sertão. Se, hoje, as condições de vida, no interior do Ceará, permanecem precárias, a ponto de ser esta a principal causa atribuída ao crescimento vertiginoso e desordenado de Fortaleza, calcule-se como poderiam ser há quase 80 anos passados. O trem só chegava até Senador Pompeu, em 1905. Para ir até Assaré, meu pai tinha que fazer um percurso de 41 léguas a cavalo, o que devia ser, verdadeiramente, penoso para um bacharel nascido e criado em Recife.

Nessa viagem, o Dr. Alerano de Barros começou a ter os primeiros contatos com a realidade do sertão, tão distante da vida artificial e cômoda que levamos no litoral. E, por casualidade, vai saber de uma conspiração que se tramava.

Havia, então, um curioso costume político que bem se poderia denominar de "revoluções municipais". Como as oposições não podiam vencer o governo, em eleições feitas, como se dizia, "a bico de pena", só lhes restava um recurso: as armas. Viviam sempre à espreita de um erro ou violência que explorados, politicamente, permitisse u'a manifestação de força de mais vastas proporções. Promovia-se, então, à bala, a deposição de prefeitos, em dadas condições. Houve, como se sabe, deposições em Crato, Barbalha, Iguatu, Crateús e outras cidades do Ceará, no período entre a proclamação da República e a revolução de 1930. Os presidentes de Estado se acomodavam

com os vencedores, confirmando, assim, a filosofia de Quincas Borba, no célebre livro de Machado de Assis: ao vencedor, as batatas...

Sobre a deposição do intendente (prefeito) de Barbalha, Neco Ribeiro, meu pai fornece os seguintes e curiosos dados, logo que chega a Senador Pompeu e se hospeda em um hotel: "Foi então que me sucedeu uma das cousas mais extraordinárias de minha vida. No quarto junto apenas separado do meu por uma meia parede, conversavam diversas pessoas e a conversa era mais ou menos a seguinte: "É o que eu digo, afirmava alguém. Neco Ribeiro não se agüentará muito tempo em Barbalha, será deposto... garanto. "Mas, respondeu outra pessoa, ele conta com o destacamento, com o delegado...

"Sim, disse o primeiro, conta com o destacamento, com o promotor, o delegado, mas o destacamento pode ter umas 15 praças e os amigos do Neco Ribeiro podem juntar uns 50 homens... sabemos disso, mas nós que temos bons elementos, atacaremos Barbalha com 150 homens e o Neco Ribeiro será deposto sem remissão..."

"Continuaram a falar, citavam nomes, mas, neste ponto, ou porque falassem mais baixo, ou porque eu estivesse adormecido, não percebi mais nada. Fiquei, porém, convencido dessas duas cousas: que se estava tramando a deposição de Neco Ribeiro de Barbalha e que esta deposição estava iminente".

"No dia seguinte, na grande mesa do hotel, cheia de passageiros, tomei o café. Não houve meio de reconhecer, no meio de tantos, os conspiradores da véspera. Depois do café, fui correr a cidade e procurar uma condução para Assaré".

Ao falar com o Presidente Acioli e agradecer sua nomeação, o Dr. Alerano de Barros havia solicitado que fosse logo removido para outra cidade, por ter sido informado de suas precárias condições de vida. E obteve promessa de ser atendido, na primeira oportunidade que surgisse. Mas tendo surpre-

endido, por simples casualidade, a notícia de uma conspiração, ficou deveras impressionado com a insegurança de Barbalha.

Dias depois de ter chegado a Assaré, foi convidado para ser Juiz, logo de Barbalha. Recusou o convite, fato que contrariou muito o Presidente Acioli e os amigos de Fortaleza... Felizmente, logo depois disso, foi nomeado Juiz Municipal de Iguatu, onde o Juiz de Direito Dr. Francisco Lima Bastos, com a provecta idade de 85 anos, havia requerido licença. De modo que logo após sua chegada em Iguatu entrou no exercício interino de Juiz de Direito. Em Iguatu ao ser censurado pelo Cel. Belisário Cícero Alexandrino da sua imprudência de recusar Barbalha, contou-lhe, confidencialmente, o motivo de sua atitude.

O desfecho da conspiração ele a narra do seguinte modo: "Quanto à Barbalha que me foi tão obsequiosamente oferecida, uma tarde estava eu em minha casa quando recebi um recado de Belisário Cícero Alexandrino, dizendo que eu fosse à casa dele depressa, tinha uma notícia para me dar. Aprontei-me e fui até lá. Na porta da casa estava uma porção de cavalos e burros selados, uns homens armados de rifles com cartucheiras à cinta. Na sala de visitas da casa do Belisário estava ele rodeado de uns homens que falavam alto, muito exaltados. Notei que estavam com os vestuários em desalinho, rasgados e empoeirados. Belisário apresentou-me a um homem alto, moreno, bem apessoado. Apresento-lhe, disse ele, o Sr. Neco Ribeiro, chefe político de Barbalha. Este outro, disse, apresentando um segundo vestido quase em traje de casa, é o Promotor de Justiça. Aquele, apontou para um terceiro fardado, com a blusa desabotoada, cartucheira à cinta, é o delegado, comandante do destacamento de Barbalha".

"O Sr. Neco Ribeiro foi explicando: "fomos atacados de surpresa... à traição..., o destacamento e alguns amigos entrincheiraram-se em minha casa, resistimos quanto pudemos, mas veio a faltar munição, para não sermos aprisionados,

abrimos caminho por meio dos inimigos e viemos para Iguatu. Daqui iremos à Fortaleza pedirmos providência ao governo. O Promotor queixava-se de sair com a roupa do corpo, os processos e livros de direito foram rasgados e queimados pelos inimigos".

"Foram para Fortaleza, mas o governo, como em outros casos, pactuou com os rebeldes e entregou a chefia de Barbalha ao Sr. Joca do Brejão".

Por tais fatos narrados em linguagem simples e despretensiosa, veja-se como era a vida no interior do Ceará nos primeiros anos da presente centúria. Deveria ser muito precária e arriscada a posição dos intendentes (prefeitos), Juízes e outras autoridades em um ambiente que reproduzia, com perfeição, as cenas do turbulento faroeste dos Estados Unidos.

Hoje, época da corrupção eleitoral, do regime do voto comprado, não se pode negar as cousas melhoraram algo. Muito embora se possa reconhecer que, inequivocamente, o ambiente político e social de outrora fosse muito mais heróico e romântico...

Assaré em 1905 — Depois de uma penosa viagem de 41 léguas a cavalo, meu pai chegou a Assaré, às 9 horas da manhã do dia 5 de junho de 1905. Era Promotor de Justiça, o Sr. Antônio Mendes e Juiz de Direito o Dr. Paiva. Havia um chefe político de muita influência Francisco Gomes, irmão de D. Matilde, esposa do Juiz, mas já havia morrido. Dirigia o partido situacionista o Dr. Antônio Mendes. Era pessoa de destaque o Cel. José Afro Campos que, mais tarde, havia de dotar Maranguape do importante melhoramento da água encanada.

Sobre a cidade o Dr. Alerano registrou as seguintes impressões: "O passadio em Assaré era mau (não tanto como estava informado). Não havia pão, nem padaria. Carne só aparecia na feira de sete em sete dias. A feira era muito animada, nela se comprava tudo que se precisava para o resto da semana. Havia carne de excelente qualidade, feijão, arroz, batatas, farinha, boas rapaduras. Era um dia de muita animação e mo-

vimento, de modo que Assaré era um pouco diferente do resto do mundo. Tinha um dia de feira como de comércio, os outros dias da semana eram outros tantos domingos".

"Assaré, neste tempo, não tinha vigário, nem exercícios religiosos de espécie alguma".

"O serviço era pouquíssimo. Apenas trabalhei em um processo crime. O Escrivão Teófilo, um homem alto e magro, deu-me para subscrever um livro como protocolo de audiências em que nada era requerido".

Outras deposições de chefes políticos. Em Assaré meu pai conheceu Antônio Josino Tavares Freire, que mais tarde havia de ser seu concunhado, pois casou com D. Ceci Teixeira de Alcântara, irmã de minha mãe D. Maria da Glória Teixeira Barros. Antônio Josino era sobrinho do Promotor Antônio Mendes e foi quem lhe deu preciosas informações sobre a vida política no Ceará, que o Dr. Alerano registra nestes termos: "Foi ele quem me informou como eram comuns as deposições de chefes no interior do Ceará. Ainda no ano passado haviam deposto o Cel. Belém (pai do Desembargador Cursino Belém) e o Marcolino de Quixadá. A deposição de Belém foi uma revolução em regra. Ele era um chefe político de grande prestígio e o Crato era uma cidade populosa e rica, a segunda do Estado depois de Fortaleza. O Cel. Belém, porém começou a encontrar descontentes, soube que numa serenata cantavam modinhas contra ele e mandou a polícia proibir as serenatas. Apesar da proibição, um grupo de rapazes, numa noite de luar, saiu para cantar. A polícia veio acabar com a reunião, tendo se dado um grande conflito em que Horácio Jacome foi morto, Augusto Bacurau (tio do ex-governador Cel. Virgílio Távora) e o comandante do destacamento sairam gravemente feridos. O descontentamento transformou-se em revolta. E os oposicionistas tendo à frente o Cel. José Francisco Alves Teixeira (irmão de minha avó materna Maria Felismina Teixeira de Alcântara) e o Cel. Antônio Luiz Alves Pequeno levantaram-se em armas. Crato foi tomado por mais de 600 homens, depois de

renhido tiroteio, o Cel. Belém, o Juiz de Direito, o Juiz Municipal e o Promotor foram presos e depostos. O governo estadual teve de pactuar com os rebeldes e entregar a chefia de Crato ao Cel. Antônio Luiz.

"Assim fiquei bem inteirado como se fazia a política no sertão daquela época. AS ELEIÇÕES NADA REPRESENTAVAM, fazia-se oposição à mão armada, quando um chefe político desgostava, depunham-no e colocavam outro em seu lugar. O governo apoiava os vencedores".

Ainda sobre Assaré recorda meu pai que visitou a fazenda Entre-Serras de propriedade do Cel. José Afro Campos. Visitou a ladeira onde havia as trincheiras de pedra feitas pelos soldados de Pinto Madeira.

A 2.ª etapa: Iguatu — A 1.º de setembro de 1905, o Dr. Alerano de Barros passou o exercício de Juiz Municipal de Assaré e saiu, no dia seguinte, para exercer idêntico cargo em Iguatu. Permaneceu em Assaré 88 dias.

Sobre Iguatu assinala o seguinte: "Iguatu, efetivamente, era uma cidade importante, tinha uma feira concorrida e o comércio era animado. O passadio era regular, não havia frutas, nem verduras, mas se encontrava boa carne, leite, gerimun. No comércio bem sortido se encontrava doces, queijos, vinhos, pão, biscoitos".

"O clima de Iguatu não era nada salubre. A cidade situada no meio de vastas planícies desarborizadas, tinha o clima quente e seco, apenas temperado por fortes ventanias que erguiam turbilhões de poeira. No inverno, as terras planas ficavam transformadas em grandes extensões pantanosas cobertas de uma vegetação rasteira. Nesta época apareciam muitas febres, principalmente nas pessoas de fora, não aclimatadas. De modo que o principal inconveniente de Iguatu era o seu máo clima".

A personalidade marcante de Belisário Cícero Alexandrino — Em Iguatu era chefe político aciolino o farmacêutico Belisário Cícero Alexandrino, muito influente. Chegou a as-

sumir a presidência interina do Estado no período de 10 de março a 10 de julho de 1910. Meu pai traçou-lhe o seguinte perfil: "Belisário era um homem inteligente e progressista, dirigia a política com muita moderação, apesar de ser um chefe sertanejo de uma família de tradições políticas, era avesso a toda e qualquer violência. Era inspetor escolar e não consentia que as professoras batessem nas crianças, de palmatória, nem que os soldados espancassem os presos. Advogado provisionado, era dotado de muita habilidade no manejar as questões e de eloqüência tribunícia na defesa em júris. Fizemos logo muita amizade e ainda hoje conservo a admiração que tinha pelo meu velho amigo Belisário".

Como se processavam as eleições naquela época: Sobre eleições meu pai fornece as seguintes impressões que são, plenamente confirmadas por todos os que têm estudado pessoas e fatos daquele tempo: "A política da época era intransigente e rancorosa. Fazia-se o alistamento eleitoral, na forma da legislação, mas havia, em Fortaleza, uma Junta de Recursos que dizimava a oposição. Por exemplo: alistavam-se em Iguatu 800 eleitores aciolinos (sob a direção de Belisário) e 600 oposicionistas (sob a direção dos Lima Verde). Recorriam para a Junta. Esta expurgava 300 a 350 oposicionistas, os quais só podiam alistar-se no ano seguinte. No dia da eleição, com as vagas por falecimento, mudanças e doenças, a oposição não tinha nem 150 eleitores para o pleito".

"Em regra não compareciam à eleição. Em troca, iam para os jornais, passavam descomposturas terríveis nos governistas e promoviam sublevações armadas contra os chefes locais".

Era esta a triste realidade da política, nos sertões do Ceará e, em todo o Brasil, no período da chamada Pátria Velha. Entretanto, hoje, é costume se apresentá-lo como um período tranqüilo e bonançoso em que "o povo" exercia, de fato, a sua "soberania" na escolha de seus dirigentes e legítimos representantes...

A estrada de ferro em Iguatu. A 5 de novembro de 1910, devido à influência de Belisário Cícero Alexandrino, foi inaugurada a estrada de ferro ligando Iguatu a Fortaleza. O Dr. Alerano de Barros representou o Presidente Comendador Nogueira Acioli, nessa solenidade.

A respeito das mudanças operadas em Iguatu por este magno acontecimento, diz meu pai: "Com a chegada da estrada de ferro, Iguatu sofreu profundas transformações. Foram construídas muitas casas novas. **O capão de mato,** atrás do cemitério, em que, numa manhã, eu, Belisário e o Dr. Brandi batemos a primeira estaca da estação, ficou transformado numa grande praça de casas alinhadas. Fez-se um cemitério novo. A rua do Comércio chegou até à Praça da Estação. Estabeleceram-se dois hotéis (Iguatu antes da estrada de ferro, não tinha nenhum). Abriu-se um cinema bem montado. (Pelo menos, era muito superior aos de Viçosa e Maranguape).

E termina este breve relato com uma nota, sumamente interessante: "E para que nada faltasse ao progresso de Iguatu, as caboclas Batista tinham uma espécie de **cabaret,** onde havia sempre aos domingos, bebedeiras, rolos e até assassinatos".

A deposição do Presidente Acioli e suas conseqüências: Meu pai resume estes dramáticos episódios do seguinte modo: "Em 1912 um movimento revolucionário depôs o velho Presidente Dr. Nogueira Acioli. O Cel. Belisário afastou-se da política. Dr. João Augusto Bezerra assume a chefia do partido do Cel. Franco Rabelo, em Iguatu. No dia da deposição do Dr. Acioli os oposicionistas fizeram uma porção de cousas feias. Soltaram os presos da cadeia e foram à casa do escrivão Cesário Assunção com a intenção de espancá-lo. Eu corri para lá, com outros amigos e cheguei a ameaçar meus jurisdicionados de mandar fazer fogo sobre eles. Meu sogro Pedro de Alcantara foi lá e trouxe-me para casa. Decididamente ele sempre me prestou bons serviços, pois, naquele momento, eu estava arriscando a vida".

Depois de uma viagem a Recife, com a família, meu pai regressou para Iguatu, cuja situação política era mais tensa do que nunca. Descreve-a nestes termos: "Achei a situação de Iguatu má. O Dr. João Augusto Bezerra mostrou-se bom prefeito. Deu liberdade de voto aos eleitores. Na eleição da Câmara ficou com 4 vereadores, enquanto os oposicionistas fizeram 3. Novidade para a época, porque, então, os chefes políticos só faziam câmaras unânimes. Dr. Bezerra promoveu a iluminação da cidade, limpeza pública, medidas de higiene. Mas isto não aquietava a oposição, irritada com o longo ostracismo, não lhes importava a administração, nem os melhoramentos do Dr. Bezerra. Queriam galgar o poder, tomar o governo do município, de qualquer forma. Os Lima Verde, Mendonças, Correias fizeram uma coligação pretendendo fazer um movimento armado em Iguatu contra o Dr. Bezerra e Belisário Cícero Alexandrino".

De regresso de um júri em Assaré, meu pai viu afinal a explosão do conflito. O Dr. Floro Bartolomeu da Costa nomeara Intendente (Prefeito) de Iguatu o Sr. José Adolfo. E o presidente Franco Rabelo designara o Dr. João Augusto Bezerra para o espinhoso cargo. Esse fato da dualidade de Intendentes ou Prefeitos se repetiu em muitas cidades, ocasionando sangrentos conflitos.

Meu pai descreve a deposição do Dr. João Augusto Bezerra do seguinte modo: "Em Iguatu encontrei tudo em plena efervescência. Os oposicionistas armavam-se, ostensivamente para atacar o Dr. Bezerra, este armava seus amigos para se defender".

"A 23 de janeiro de 1914 combinou-se um acordo. Pergentino Maia intenta reunir os chefes, no hotel da Praça da Matriz, para uma conferência de paz. Eu e Dr. Bezerra fomos lá. Zequinha Magalhães e Ananias compareceram, não resolveram nada e foram embora. Momentos depois soaram os primeiros tiros. O conflito se generalizou por toda a cidade, num violento tiroteio. Não podendo voltar para minha casa,

fui alvejado diversas vezes, uma bala cortou um galho de árvore que caindo feriu-me no pescoço e na mão direita. Cheguei para a estação comunicar ao governo o que havia. No caminho à estação com a roupa em desalinho e toda manchada de sangue. O gerente do hotel, a quem pedi a chave do portão procurou-a, achou-a, abriu-o, recebendo, então, uma bala em pleno peito, morreu instantaneamente".

"Na casa do Sr. Dantas, chefe da estação, fui carinhosamente recebido e passei a noite, durante a qual o tiroteio reinou com toda a intensidade. Ao amanhecer, fui para os Torrões (fazenda de minha sogra). Aí encontrei o Cel. José Francisco Alves Teixeira, meus cunhados Teixeirinha, Júlio e José Emílio Sá. Tive notícias da revolução de Juazeiro. As tropas do Cel. Franco Rabelo tinham sido completamente debandadas. Crato, Barbalha, Icó, S. Mateus (atual Jucás) tinham sido tomados pelos partidários do Dr. Floro".

"Fomos para Iguatu, onde os revoltosos tinham sido vitoriosos no tiroteio de 23 de janeiro. Tomamos o trem para Fortaleza, eu, minha família, a família do Cel. Belisário, a família do Cel. Teixeira. Devo afirmar que o prefeito nomeado pelo Dr. Floro, o sr. José Adolfo procedeu conosco com muito cavalheirismo e correção".

O conflito de Iguatu durou 2 dias, só cessando em 24 de janeiro. Causou 5 mortes e 9 ferimentos, além de incalculáveis prejuízos de ordem material.

Na edição do renomado jornal "O Povo", de 18 de abril do corrente ano, fiz publicar um trabalho inédito do Dr. Alerano de Barros intitulado "Saída de Iguatu", em que descreve com as mais vivas cores os dramáticos episódios da deposição do Dr. João Augusto Bezerra em 23.01.1914.

Após esses agitados e turbulentos acontecimentos, meu pai regressa para Iguatu, garantido por uma força federal comandada pelo então Tenente Ernesto de Medeiros. Permanece aí um ano. Mas, profundamente desgostoso com a situação

reinante, permutou a comarca com o Dr. Oscar Bandeira de Lima Coutinho, Juiz de Direito de Viçosa do Ceará. Saiu de Iguatu a 12 de fevereiro de 1915 e chega em Viçosa a 11 de maio de 1915.

Em Viçosa do Ceará. Como na "História de Viçosa do Ceará" dei muitos pormenores sobre a atuação do Dr. Alerano de Barros como Juiz de Direito daquela cidade, dispenso-me de oferecer maiores esclarecimentos. Daí em diante a sua carreira de Juiz torna-se mais calma e normal. Sobre a política de Viçosa anotou em suas preciosas reminiscências: "Também melhorei em Viçosa quanto à política. O povo era pacífico e a política pouco extremada. Não se via em Viçosa os tiroteios e rolos que se tinham tornado comuns em Iguatu".

Ao chegar em Viçosa, em 1915, meu pai tinha um atraso de 8 meses de vencimentos. A seca e a política que, em 1888, o Visconde de Taunay assinalou como as duas calamidades que afligiam o Ceará, produziram, então, todos os seus efeitos. E, cousa curiosa: decorridos quase 100 anos da célebre frase do imortal autor de "Inocência", ainda hoje permanecemos sob o influxo malsão desses dois flagelos...

Em Maranguape. Depois da revolução de 1930, o Dr. Alerano de Barros foi removido para Maranguape, assumindo o exercício do cargo de Juiz de Direito em 26 de junho de 1931. Aposentou-se em 1939, sendo o magistrado mais antigo do Estado.

O intelectual — Meu pai publicou dois trabalhos: "Sentenças e Decisões" e "A Igreja na Idade Média", tese de concurso.

Destacou-se como jurista, historiador, romancista, "conteur", professor e jornalista, sendo ainda filatelista e numismata.

Como fiz publicar uma poliantéia a seu respeito, que está sendo distribuída, dispenso-me também de maiores dados a tal respeito.

Destacou-se ainda como professor e jornalista. Teve escolas particulares, prestando relevantes serviços ao ensino, numa época em que as suas condições eram as mais precárias possíveis no interior do Ceará. Em Assaré, Iguatu e Viçosa do Ceará, comarca onde demorou mais tempo, deu inestimável ajuda na educação da juventude masculina e feminina, mantendo escolas particulares, em sua residência, muito freqüentadas.

Foi quem ensinou primeiras letras a todos os seus filhos.

Espírito progressista e atuante, muito trabalhou não só como magistrado de grande integridade moral, como escritor, jornalista e orador. Escrevia com correção e falava com muita fluência e desembaraço.

Em Viçosa do Ceará foi o 1.º Presidente do Gabinete Viçosense de Leitura e exerceu outros cargos naquela importante agremiação serrana. Assíduo colaborador do "Jornal de Viçosa", publicou, nesse órgão, artigos de grande valor como "Notas e Curiosidades sobre Viçosa", "Diário da Aliança Liberal" e outros. Em Maranguape colaborou no jornal "A Idéia", dirigido por Oscar Vieira, onde publicou um interessante conto regional intitulado "A Cacimba".

Em Viçosa do Ceará proferiu diversos discursos, tendo saudado diversas vezes o bispo de Sobral, D. José Tupinambá da Frota, em visitas pastorais empreendidas naquela cidade. Em Maranguape foi orador oficial na visita de D. Manoel da Silva Gomes, Arcebispo de Fortaleza.

Após sua aposentadoria no cargo de Juiz de Direito de Maranguape, passou a residir em Fortaleza. Sempre colaborou na imprensa local. Em 1943, proferiu na Casa de Juvenal Galeno, um discurso sobre o centenário do Visconde de Taunay. Freqüentava, assiduamente, a Sociedade Filatélica dirigida por Alcides Santos. Possuía valiosa coleção de selos e moedas, sendo filatelista e numismata.

Modesto e retraído como poucos, incapaz de ódios e ressentimentos, o Dr. Alerano de Barros poderia ter exercido

parte ativa no movimento intelectual do Ceará, pois escrevia com correção e facilidade e era versadíssimo em História, Literatura e Direito. Conhecia bem o francês e o inglês, que traduzia com facilidade.

Como magistrado deixou a recordação de um caráter de escól, imparcial nas decisões, incapaz de um deslize ou de uma falta por amizade, afeição ou ressentimento. Nas comarcas em que serviu, deixou uma tradição de probidade e imparcialidade, que ainda hoje é lembrada.

Depois que saiu de Iguatu houve um movimento, naquela cidade, preconizando o seu retorno como Juiz de Direito.

Confortado com os socorros da Igreja Católica e com a dedicação dos amigos e parentes, faleceu, em Fortaleza, a 4 de outubro de 1955.

Palavras finais — Pelos fatos que assinalei, ao longo deste trabalho, torna-se evidente que muitos trabalhos do Dr. Alerano de Barros merecem edição, notadamente as suas preciosas reminiscências.

Agora que novas perspectivas vão se abrir para mim, ensejando-me mais tempo para estudos e pesquisas, pretendo editar alguns trabalhos de meu pai, especialmente as suas recordações, acompanhadas de notas e comentários.

Dizia Joaquim Nabuco, com aquele seu dom maravilhoso de apreciar as cousas, com emoção e suavidade, que a vida humana se resumia em 4 ou 5 impressões da infância.

Para mim um dos fatos que mais vieram marcar a minha personalidade foi o ambiente saudável de família em que tive a ventura de nascer, recebendo a formação de caráter de meu pai, que sempre viveu para o trabalho e para as suaves emoções da vida doméstica.

Não podia, pois, esquecer o 1.º centenário de seu nascimento. E, deste modo, creio ter cumprido uma das metas do Instituto do Ceará, assinalando pessoas que se destacaram, bem como executar um dever filial, tão grato ao espírito como ao coração!